

O Sistema de Turismo e sua possível ressignificação a partir da Teoria da Complexidade

Paula Wabner BINFARÉ¹
Kerlei Eniele SONAGLIO²

Resumo: De natureza qualitativa e teor ensaístico, este estudo tem como principal objetivo apresentar uma discussão teórica sobre o Sistema de Turismo, Sistur, de Mario Beni, sua contribuição, limites e sua possível ressignificação a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Para tanto, foi necessário considerar outras abordagens importantes da pesquisa em Ciências Sociais, neste caso específico, o estruturalismo, o funcionalismo e o próprio sistemismo, no intuito de se compreender o que são e como se inter-relacionam, bem como se pensar de que forma estas abordagens foram inseridas no contexto do turismo. Como resultados, tem-se que, avançar da abordagem sistêmica para a abordagem complexa permitirá minimizar algumas limitações do sistemismo, bem como incentivará novas formas de olhar o objeto turismo, possibilitando outras ênfases, outras perspectivas de compreensão, considerando os princípios dialógico, recursivo e hologramático.

Palavras-chave: Estruturalismo. Funcionalismo. Sistemismo. Turismo. Complexidade.

Introdução

A medida em que se tenta avançar na elaboração de uma epistemologia do turismo, vê-se a necessidade de se debruçar na obra de grandes pesquisadores da área, no sentido de perceber o quanto já se caminhou em termo de conhecimento no turismo e o quanto e em qual direção ainda se tem que caminhar.

Este trabalho propõe uma discussão teórica sobre o Sistema de Turismo, Sistur, de Mario Beni, sua contribuição, limites e sua possível ressignificação a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin.

Entende-se que o estudo e a elaboração de uma teoria do turismo, está circunscrita em abordagens importantes da pesquisa atual nas Ciências Sociais, como por exemplo, o empirismo, o positivismo, a dialética, o funcionalismo, o estruturalismo, o sistemismo (no caso do Sistur), e mais recentemente a complexidade. Estas abordagens, exaustivamente até então utilizadas em áreas como a educação, linguística, administração, entre outras, vem sendo também utilizadas para uma melhor aproximação na compreensão do turismo. Importante ressaltar, que muito embora toda a forma de contribuição tenha a sua validade, os pesquisadores devem atentar para o risco de usar estas abordagens de maneira superficial, sem o devido grau de interpretação e sem o ir e vir do processo de desconstrução. Se for apenas uma importação de alguns de seus princípios básicos de forma

¹ Doutoranda em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Email: paulabinfare@gmail.com

² Doutora em Engenharia Ambiental (PPGEA/UFSC). Professora Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: kerlei@ufrnet.br

fragmentada e aplicados na teoria do turismo, a de se repetir a mesma “colcha de retalhos” da qual os pesquisadores contemporâneos vem se debatido para descosturar.

Para compreender melhor a visão sistêmica no turismo, e como Mario Beni concebeu o Sistur, faz-se necessário desfazer o nó e refazer a teia que abrange o sistemismo, o funcionalismo e o estruturalismo, uma vez que estas, mesmo que em um primeiro momento pareçam similares, abordam o objeto de maneira completamente distinta. A partir disso é possível chegar à concepção de sistema de Beni e posteriormente às relações com a Teoria da Complexidade.

Estruturalismo, funcionalismo e sistemismo: a interdependência das abordagens e sua aplicabilidade no turismo

Um recorte conceitual

O estruturalismo tem suas bases nos estudos da linguística, por Ferdinand de Saussure. Para Gomes (2010), Saussure se propunha a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Esse conjunto de relações forma a estrutura.

O estruturalismo, assim como o funcionalismo, parte da premissa que não se precisa buscar na história as explicações para se compreender a sociedade. É uma abordagem que enfatiza como as partes estão dispostas entre si. Radcliffe-Brown, (1973), trata a estrutura como modelo de análise construído a partir da observação da realidade.

Para Lévi-Strauss, (1980) o princípio fundamental do estruturalismo se baseia nas estruturas subjacentes, inconscientes, por detrás das relações concretas que se apresentam em uma sociedade. Estas estruturas estariam conectadas, em forma de sistemas sociais.

Em uma primeira aproximação, podemos dizer que uma estrutura é um sistema de transformações. Na medida em que é um sistema e não uma simples coleção de elementos e de suas propriedades, essas transformações envolvem leis: a estrutura é preservada ou enriquecida pelo próprio jogo de suas leis de transformação que nunca levam a resultados externos ao sistema nem empregam elementos que lhe sejam externos. Em suma, o conceito de estrutura é composto de três ideias-chave: a ideia de totalidade, a ideia de transformação e a ideia de autorregulação. (Piaget, 1981, p. 53).

Dada a amplitude das ideias-chave desta abordagem, a análise estruturalista é aplicada em várias áreas além da linguística e antropologia, como por exemplo na matemática, economia e gestão em geral. A partir da análise da estrutura, é possível interpretar um problema específico em termos de sistema, bem como interpretar os diversos sistemas específicos em questão. No caso da gestão, a organização analisada em sua totalidade, também é vista como um sistema social.

Coelho, (1968) aponta três características do estruturalismo

1. Conjunto de elementos com leis próprias independentes das leis que regem cada um desses elementos; 2. A alteração de um dos elementos provoca a alteração de todos os outros, devido à existência de leis relativas ao conjunto; 3. O valor de cada elemento não depende do que ele é por si mesmo, mas da posição que ele ocupa em relação a todos os outros elementos do conjunto. (Coelho, 1968, p. 19).

Para Abbagnano, (2007) “a abordagem estruturalista analisa sistemas em grande escala, examinando as relações e as funções dos elementos que constituem esses sistemas” (p. 76). Assim, o foco é na estrutura desses sistemas, que não se altera, mesmo que ocorra alteração em seus elementos e nas suas relações.

O estudo das estruturas, permite assim, mesmo que num exercício de abstração, visualizar a disposição das partes que compõem o todo e suas interrelações. A partir dessa identificação, é possível determinar as funções e disfunções dos componentes do sistema.

O Funcionalismo é uma abordagem que busca explicar aspectos da sociedade a partir das funções realizadas por seus indivíduos. Tem como precursores Durkheim, na sociologia e Malinowski na antropologia. Durkheim, a partir da teoria dos fatos sociais, faz uma analogia entre a sociedade e o corpo humano, onde cada órgão possui uma função específica para manter o todo em equilíbrio. Dessa mesma forma, a sociedade é composta por instituições, que por sua vez também tem determinadas funções específicas. Uma desarmonia em seu funcionamento causa um desregramento da própria sociedade. Assim, os funcionalistas enfatizam a relação função – consequência, o que explicaria toda a dinâmica da sociedade.

Na antropologia Malinowski (1970) trata as instituições como unidades funcionais. A instituição é a forma derivada da função, cujo processo evolutivo vem desenvolvendo-a, especializando-a para satisfazer necessidades. Para Malinowski, só é possível conhecer uma cultura, a partir da observação das funções de seus indivíduos. Assim,

o conceito de função aparece como o elemento que permite reconstruir, a partir de dados aparentemente caóticos que se oferecem à observação de um pesquisador de outra cultura, os sistemas que ordenam e dão sentido aos costumes nos quais se cristaliza o comportamento dos homens. (Malinowski, 1970, p. 81).

A abordagem funcionalista interpreta os fatos sociais com base na função que eles desempenham, e que, assim, mantém a estrutura social de uma determinada cultura.

Radcliffe-Brown (1973) escreve sobre o conceito de função aplicado às estruturas sociais, estabelecendo uma sutil diferença entre atividade (o que se faz) e função (por que se faz). Destaca-se a estrutura social, formada pelos seres humanos e suas atividades e inter-relações, em um todo integrado. Define a vida social como o funcionamento da estrutura, ou seja, a função da estrutura é manter a vida social. Porém, a estrutura social só pode ser observada em seu funcionamento, ou seja, possui um caráter dinâmico; e, segundo, as estruturas sociais podem mudar ao longo do tempo. O autor estabelece então uma definição para função, “é a contribuição que determinada atividade proporciona à atividade total da qual é parte” (Radcliffe-Brown, 1973, p. 29).

Estes autores explicitam o que o próprio nome da abordagem já diz, o foco é na função, seja ela individual, das instituições e/ou da sociedade como um todo. Os trabalhos funcionalistas tem um escopo cultural, e esta cultura pode ser compreendida a partir da observação do desempenho dos indivíduos/instituições em suas funções no momento presente, não sendo necessário um mergulho no passado para compreendê-la. O funcionalismo faz o caminho inverso, tenta explicar o passado pelo presente.

Já o sistemismo, pretende ser a abordagem que religa as ciências. Indagações, descobertas, conhecimento, tecnologia, novos instrumentos, novas indagações. Ao longo da história, este tem sido o ciclo do ser humano em busca de um maior entendimento de mundo. O homem avança na busca de respostas, fato que gerou a subdivisão das ciências e suas especializações. Essa desarticulação, suscitou a necessidade de uma teoria que explicasse o relacionamento entre as diversas áreas do conhecimento.

Uhlmann, (2002), sustenta que durante o percurso da humanidade o esforço para prever o futuro era um propósito facilmente identificável, e este resume o objetivo da teoria de sistemas.

Esta previsão do futuro, inicialmente era calcado em uma concepção mística, a interpretação dos desígnios de uma entidade superior, passando posteriormente para uma fase determinista e atualmente está sedimentado em um entendimento probabilista. Nesta fase contemporânea, com uma concepção de cunho universalista, um sistema, poderá descrever tanto o funcionamento de uma fábrica, da bolsa de valores ou de um organismo vivo. (Uhlmann, 2002, p. 33).

Karl Ludwig Von Bertalanffy, austríaco, biólogo, cientista pertencente ao Círculo de Viena é considerado a principal referência ocidental em Sistemismo. Precursor da Teoria Geral de Sistemas, (Von Bertalanffy, 1975), defendia a unicidade das ciências, a partir de novas ideias científicas da abordagem dos “todos integrados”. Para ele, princípios de uma ciência, poderiam ser utilizados por outras, sugerindo assim, uma tendência de integração inclusive entre as ciências sociais e naturais. Partindo dessa premissa, criou a Teoria Geral dos Sistemas, onde a compreensão de um fenômeno ou a resolução de problemas, pode ser feita a partir da abordagem sistêmica: “Um conjunto de elementos inter-relacionados com um objetivo comum” (Von Bertalanffy, 1975, p. 13).

Bertalanffy afirma que o organismo é um todo maior que a soma das suas partes e que se deve estudar os sistemas globalmente, de forma a envolver todas as suas interdependências, pois cada um dos elementos, ao serem reunidos para constituir uma unidade funcional maior, desenvolvem características que não se encontram em seus componentes isolados.

A interdependência entre os elementos para um fim em comum demonstra que a visão sistêmica enfatiza as relações entre as partes, assim o objeto de estudo deve ser analisado a partir da natureza e sinergia dessas relações. Nesse contexto, a abordagem pode ser utilizada para sistemas mais simples, com um número menor de variáveis, como uma

máquina, o corpo humano, como também para uma aproximação de fenômenos mais complexos, com variáveis indeterminadas, como a atividade turística.

Outros autores também conceituam Sistema, mas todos seguem o pensamento central de Bertalanffy, apenas apresentando o conceito de forma mais detalhada

Sistema pode ser definido como um conjunto de elementos interdependentes que interagem com objetivos comuns formando um todo, e onde cada um dos elementos componentes comporta-se, por sua vez, como um sistema cujo resultado é maior do que o resultado que as unidades poderiam ter se funcionassem independentemente. Qualquer conjunto de partes unidas entre si pode ser considerado um sistema, desde que as relações entre as partes e o comportamento do todo sejam o foco de atenção. (Alvarez, 1990, p. 41).

Para este autor, o todo, ou seja, o sistema é maior que a soma de suas partes, porém, para se conhecer o sistema é necessário identificar cada parte componente do mesmo.

“O Sistema é um conjunto de partes interagentes e interdependentes que, conjuntamente, formam um todo unitário com determinado objetivo e efetuam determinada função” (Oliveira, 2002, p. 15). O autor enfatiza a relação entre as partes e um todo com características não existentes em cada uma delas isoladamente. Neste conceito destaca-se que o autor insere o caráter da funcionalidade para os elementos componentes do sistema.

A interdependência das abordagens e sua aplicabilidade no turismo

Sistemismo, funcionalismo e estruturalismo são correntes do pensamento humano, cuja abordagem tende a levar a uma aproximação da compreensão dos fenômenos. Um mesmo objeto pode ser estudado de ângulos distintos e com intencionalidades diferentes. O enfoque que se escolhe dar a análise do objeto é que determinará que se denomine de uma ou outra forma. Ao analisar as abordagens sistêmica, funcionalista e estruturalista no âmbito conceitual, evidencia-se a relação de interdependência entre elas. Mesmo que interdependentes, não são abordagens sinônimas. Elas se diferem na forma de olhar o objeto. Ambos os modelos propõem à concepção do todo a partir das partes, mas o fazem de maneira diferente.

O sistemismo estuda a parte dentro do todo enfatizando as relações entre as partes, o funcionalismo enfatiza a função, a relação causal, já o estruturalismo analisa a estrutura propriamente dita. Para Foucault, (2007) as estruturas só podem existir em um sistema. Assim, estrutura e função, são portanto, inseparáveis em um sistema.

Os sistemas possuem estrutura, estas estruturas possuem partes, partes facilmente identificáveis e outras que necessitam de abstração, interpretação, para se distinguir. Esses elementos, desempenham funções específicas, porém o foco da abordagem sistêmica está nas relações, interações das partes e não na estrutura ou função de cada uma delas, mesmo que seja necessário estudá-las para uma melhor compreensão do sistema. A noção de causa não existe como forma de explicar o real, no modelo sistêmico. Para este basta a relação dos fenômenos entre si para a compreensão do todo. Lévi-Strauss, (1980), diz que a estrutura é

constituída por elementos que, se modificados, provocarão mudanças nos demais, o que dá a ela (estrutura) um caráter de sistema, mas não a torna um. Assim, a estrutura é condição prévia e necessária para a existência do sistema.

A teoria de sistemas estuda a organização abstrata de fenômenos, independente de sua formação e configuração presente. Investiga todos os princípios comuns a todas os componentes e modelos que podem ser utilizados para a sua descrição. Assim, tanto o enfoque estruturalista, quanto o funcionalista, tem como foco de análise um sistema, seja ele um sistema matemático, econômico, ou social. O enfoque estrutural consiste em perguntar como é o objeto, o enfoque funcional pergunta o que faz o objeto.

Este caráter funcional das partes ou elementos, deve ser tratado com atenção, para que não se recaia no erro de confundir a essência do sistemismo com o do funcionalismo, uma vez que no sistemismo o foco está nas relações entre as partes e no funcionalismo, na função das partes e consequente funcionamento do sistema.

A relevância destas abordagens como fio condutor para o estudo de diversas áreas é inegável. Para o turismo não foi diferente. A medida em que se buscava elaborar uma teoria do turismo, estudiosos da área foram importando noções destas e de outras abordagens e aplicando nos casos específicos do turismo. A questão a se pensar é a forma como estas abordagens foram inseridas no contexto do turismo. Em muitos casos, os conceitos foram utilizados em fragmentos, sem o devido esforço interpretativo que se faz necessário quando se tenta transpor o conhecimento de uma área pra outra.

Contribuições à parte, a importação fragmentada dessas abordagens para o turismo, acabou por reforçar a visão positivista. “O positivismo analisa o turismo com a métrica clássica, com a necessidade de dados claros, metodologias estabelecidas, objetos de estudos definidos. O positivismo propõe a existência de um método que oferece segurança e certeza na investigação” (Netto & Nechar, 2014, p. 128). Nesse escopo para se compreender o turismo, bastaria identificar sua estrutura, verificar a função das partes e criar um modelo de referência sistêmico que pudesse ser medido, avaliado, que oferecesse certezas e previsões confiáveis.

Como exemplo para o turismo, pode se usar o entendimento de Luhmann (1990) a respeito das relações causa e efeito na análise funcional. Para ele o ponto de partida desta análise são mais que as conexões entre causa e efeito, como na análise causal, mas conexões entre problemas e soluções de problemas. O resultado potencial de tal análise, portanto, consiste não somente em ligações causais diretas entre causas e efeitos, mas na abertura de um conjunto de equivalentes funcionais potenciais. Isto significa que para efeitos existentes é possível identificar e comparar várias combinações causais, e para dadas causas, efeitos particulares. A descoberta e eliminação de equivalentes funcionais é assim a verdadeira realização deste método, que é essencialmente comparativo. Assim, no turismo, o que causa a poluição de uma praia? Somente a presença do turista? A atividade pesqueira? A própria comunidade? Quantos e quais outros equivalentes funcionais pode se listar a partir de um único efeito?

Margarita Barreto, reconhecida autora da área que também se dedica a estudar as publicações em turismo traz o uso da abordagem estrutural funcionalista em seus estudos

O enfoque estrutural funcionalista do turismo privilegia a estrutura do fenômeno e a relação entre os elementos. Este método estaria representado pelos pesquisadores que entendem que todo deslocamento temporário é turismo, independentemente da duração ou da motivação das pessoas (são os que admitem as classificações de turismo de negócios, turismo de saúde e outras viagens obrigatórias como turismo). (Barretto & Santos, 2005, p. 362).

Ao fazer a transposição das abordagens para o turismo, a autora aplica o conceito central do estruturalismo e funcionalismo, porém não explicita o porquê dos pesquisadores que “entendem que todo deslocamento temporário é turismo” são estruturalistas-funcionalistas. Na realidade, esta debate se remete mais a questão conceitual de turismo, a delimitações entre sujeito e objeto de estudo. A ideia de enquadrar o pesquisador como estrutural funcionalista porque o mesmo acredita que todo deslocamento temporário é turismo, é um tanto reducionista, já que a estrutura e a função, bem como suas relações, devem ser analisadas com mais profundidade e não apenas como a estrutura que permite a viagem e o que se intenciona fazer nela.

Na tentativa de explicar, compreender a atividade em toda sua complexidade, o sistemismo foi a abordagem que mais teve adeptos no turismo, sendo considerado inclusive por estudiosos como um possível paradigma.

Hall, (2001) diz que um sistema é a reunião ou combinação de fatos ou partes que operam de forma complexa. Mill & Morrison, (2002), dizem que o sistema é como uma teia de aranha, - ao se tocar um ponto, as reverberações são sentidas em toda a sua superfície. Esta ideia figurativa de teia de aranha demonstra a delicada e complexa constituição do turismo, uma vez que evidencia a ligação entre todos os componentes da cadeia produtiva da atividade turística.

Panosso, (2005), diz que neste período (em 2005, ano em que escreveu o trabalho), ainda vigora o paradigma sistêmico dos estudos turísticos, com modelos de autores como Neil Leiper, Roberto Bullón e Mario Beni. A estes ainda pode se incluir Sergio Molina e Alberto Sessa.

No Brasil, Mario Beni, é o pesquisador e autor que melhor descreve e explica o turismo enquanto sistema, pois elaborou o Sistur (Sistema de Turismo), onde conseguiu por meio da criação de um modelo referencial subdividir a cadeia produtiva do turismo em subsistemas, onde explicita suas relações e inter-relações com o meio.

O Sistema de Turismo de Mario Beni

Mario Carlos Beni, é Doutor (1988) em Ciências da Comunicação e Livre Docente (1991) em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Atualmente, é professor titular aposentado da ECA/USP, mas continua sua vida acadêmica como professor convidado de diversos programas de pós-graduação *stricto sensu*

em Turismo e Hospitalidade no país e no exterior. É colaborador de importantes periódicos científicos de Turismo, tendo também ocupado cargos de destaque na área, inclusive junto ao Ministério do Turismo. Além disso, é autor de livros na área de Turismo e da Academia Internacional de Turismo.

Em 1998, inspirado nos pressupostos teóricos do sistemismo, convergiu o resultado de suas pesquisas, na obra *Análise Estrutural do Turismo*, onde apresentou o modelo referencial do Sistur (Sistema de Turismo), modelo este que serviria de base para todos os demais trabalhos relacionados ao sistemismo no turismo. Em 2007 foi lançada a décima segunda edição da obra, que atualmente passar por mais uma atualização do autor.

Beni, (2007), estrutura sua obra em cinco partes. A primeira parte faz a transposição dos fundamentos da teoria dos sistemas para o turismo, os conceitos e definições do Sistur. as conceituações. A segunda parte é chamada de Dimensão do Sistur, que compreende o Conjunto das Relações Ambientais do Sistur (CRA). A terceira parte é chamada de Estrutura do Sistur, onde o autor apresenta o Conjunto da Organização Estrutural do Sistur (CRE). A quarta parte é dedicada a detalhar a Dinâmica do Sistur, composta pelo Conjunto das Relações Operacionais (CRO) e finalmente, a quinta parte traz o que o autor chama de Instrumentação e Operacionalização do Sistur. Para Beni, (1998), um sistema é:

[...] um conjunto de partes que se interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio, ou conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo. (Beni, 1998, p. 23)

O Sistur é classificado como um sistema aberto, que realiza trocas com o meio que o circunda e por isso é interdependente e nunca autossuficiente (Beni, 2007). Sob esta ótica o autor justifica que a divisão do sistema de turismo em subsistemas não quer dizer que estes não estejam interligados e não sejam interdependentes, mas que esta divisão faz-se necessária para uma melhor compreensão do sistema como um todo.

Os subsistemas organizados pelo autor, compõe três conjuntos principais:

- Conjunto das relações ambientais, CRA: composto pelos subsistemas ecológico, social, econômico e ambiental. Nestes subsistemas identifica-se a base da atratividade, a matéria-prima do turismo, através dos recursos turísticos em geral e também todos os aspectos relacionados aos efeitos da atividade turística na economia, política, ambiente e sociedade.
- Conjunto das relações operacionais, CRO: como o próprio nome já indica é composto pelos os subsistemas responsáveis pela operacionalização do turismo (mercado, oferta, demanda, consumo, distribuição), explicando as relações do turismo com o mercado e principalmente a formação do produto turístico, da matéria-prima (atrativos ou recursos turísticos) até a chegada ao consumidor (turista).
- Conjunto das relações estruturais, CRE: onde estão o subsistema da infraestrutura (básica e turística) e da superestrutura. A Superestrutura é o subsistema responsável pela organização do turismo e conseqüentemente pelo planejamento da atividade. Esse

subsistema refere-se à complexa organização tanto pública quanto privada que permite harmonizar a produção e a venda de diferentes serviços do Sistur. “Compreende a política oficial de turismo e sua ordenação jurídico-administrativa que se manifesta no conjunto de medidas de organização e promoção dos órgãos e instituições oficiais, e estratégias governamentais que interferem no setor” (Beni, 1998, p. 99).

O autor entende que como os Operadores do Sistur, os indicadores, as variáveis, que se relacionam aos componentes do sistema e que podem ser mensurados, quantificados e qualificados. São estes operadores que fornecem a base de informações dos subsistemas, proporcionando a verificação e intervenção em possíveis desequilíbrios no sistema.

A contribuição do Sistur de Beni para o turismo é inquestionável. Em apenas uma ferramenta da internet, o *Google Scholar*, o autor foi citado 2.626 vezes,³ a partir do ano de 2010. O esforço em identificar, relacionar, inter-relacionar componentes de uma atividade com o grau de complexidade como o turismo e criar um modelo referencial sistêmico, fornece, no mínimo um quadro de saída para se pensar o turismo de forma mais abrangente. Porém, o modelo sistêmico de Beni, tem as mesmas limitações oriunda da teoria dos sistemas.

Dado o nível de variáveis que abrangem o turismo, essas limitações ganham maiores proporções. Em um primeiro momento, a necessidade de se criar conjuntos, subsistemas dá a ideia de novamente compartimentar, mecanizar, sob a ótica do velho olhar positivista, o turismo. Essas subdivisões são artificiais sob o ponto de vista do sistema, mas necessárias para se conhecer os atributos do mesmo. É preciso então, por parte dos pesquisadores, um exercício de desconstrução árduo para transpor este limite.

Mesmo que o sistemismo em sua origem tenha tido o intuito de religar, globalizar, abranger as ciências, o seu quadro de saída, ou seja, um modelo, remete ao reducionismo.

Estudos realizados, pretensamente, através da abordagem sistêmica, apresentam, ainda, um viés fragmentário, limitativo, porquanto dissociados do exame das condições reinantes no seio do ambiente do sistema, desconsiderando, portanto, os reflexos recíprocos que ocorrem entre um e outro, os quais, sempre, se afetam mutuamente. Isto tem suas raízes no fato de que, no Sistemismo clássico, os fundamentos, ideias, conceitos e princípios, apesar de amplos, nele não está, ainda, suficientemente explícita a exigência de que o estudo abarque, também, o ambiente em que tal sistema está inserido, só o fazendo de forma implícita. Em suma, qualquer trabalho que não inclua a abordagem do ambiente do sistema em estudo será considerado limitativo, fragmentário, reducionista, insuficiente, tendo em vista a não inclusão dos reflexos dos obrigatórios intercâmbios (de matéria, energia e informações), ocorrentes entre ambos, que resultam em ações e interações recíprocas, afetando-os, mutuamente. (Paim & Paim, 2004, p. 56).

³ Número de citações que constam nos indicadores do autor, disponível em <http://scholar.google.com.br/citations?user=Oo3XMvUAAAAJ&hl=pt-BR>

Esta questão sobre o meio ambiente talvez seja um dos pontos mais difíceis de ser definido, isto é, qual a fronteira de um sistema? Como delimitar o que está dentro ou fora do sistema?

A relação Sistur com os três princípios do pensamento complexo – dialógico, recursivo e hologramático

Em um esforço de tentar superar as limitações do sistemismo, Beni tem se dedicado a uma ressignificação do Sistur, tendo como base, os estudos de Edgar Morin e a sua Teoria da Complexidade. Beni utiliza os princípios da complexidade de Morin, tentando demonstrar que a partir do pensamento complexo seria possível transpor as limitações do sistemismo.

Morin, (2000) apresenta uma dinâmica epistemológica caracterizada pela complexidade. O pensamento complexo começa seu desenvolvimento na confluência de duas revoluções científicas. A primeira revolução introduziu com certeza a termodinâmica, a física quântica e a cosmofísica. A segunda revolução científica, mais recente, ainda detectada, é a revolução sistêmica nas ciências. É nesta revolução sistêmica a qual Morin se refere que estão as bases do Sistur de Beni, pautadas em uma forma de compreender o turismo de forma holística, a partir de suas relações e interrelações, que também compõem as bases do pensamento complexo.

O pensamento complexo é, pois, essencialmente o pensamento que trata com a incerteza e que é capaz de conceber a organização. É o pensamento capaz de reunir (complexus: aquilo que é tecido conjuntamente), de contextualizar, de globalizar, mas ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto. (Morin, 2000, p. 199).

Esta afirmação dá a ideia que o pensamento complexo é uma evolução do pensamento sistêmico. Evolução no sentido de transpor concepções que até então limitavam o entendimento do Sistur apenas a luz do sistemismo. O turismo é atividade complexa, dada sua natureza espontânea, suas variáveis, relações, efeitos, assim, trata com a incerteza e ao mesmo tempo é capaz de organizar-se. É contextual, global e ao mesmo tempo necessita identificar e reconhecer o singular. Assim é necessário, mesmo que artificial, conceber o turismo em seus componentes, elementos e subsistemas.

A complexidade de Morin, está pautada em três princípios fundamentais: dialógico, recursivo e hologramático, que são descritos nos seus livros “O Pensamento Complexo e Inteligência da Complexidade”. O Sistur de Beni transita por estes princípios.

Dialogia significa juntar coisas, entrelaçar coisas que aparentemente estão separadas, que são antagônicas e por isso, não dialogam, como a razão e a emoção, o real e o imaginário, a ciência e a arte, as ciências humanas e a ciências da natureza. O princípio dialógico une noções que devem excluir-se mas que coexistem numa mesma realidade. Este princípio também introduz o princípio da auto-eco-organização: autonomia e dependência, onde o ser humano é ao mesmo tempo autônomo e dependente do seu meio ambiente, cultura, etc, e está em constante regeneração a partir da morte das suas células. Morin usa

como exemplo a fórmula de Heráclito “Viver de morte, morrer de vida” e que as duas idéias antagônicas de morte e vida são complementares, permanecendo antagônicas.

A dialógica permite assumir racionalmente a associação de ações contraditórias para conceber um imenso fenômeno complexo. Nós próprios somos seres separados e autônomos que fazem parte de duas continuidades inseparáveis: a espécie e a sociedade. Quando consideramos a espécie ou a sociedade, o indivíduo desaparece; quando consideramos o indivíduo, a espécie e a sociedade desaparecem. (Morin, 2000, p. 211).

Uma postura dialógica aplicada ao Sistur proporciona uma releitura entre sujeito e objeto do turismo. Se até então o debate se resumia em separar, classificar, caracterizar o que era sujeito e o que era objeto, numa postura excludente, a dialogia permite compreender que há muito do objeto no sujeito e vice versa. O que antes seria antagônico, agora é complementar. O princípio dialógico coloca lado a lado o indivíduo que, ao praticar turismo, é sujeito do turismo, e o turismo, enquanto objeto, que só existirá como tal, se houver o turista. Outro ponto relevante que vem a tona quando se exercita o pensamento dialógico em relação ao Sistur, é a questão dos impactos gerados pela atividade turística e que repercutem essencialmente no CRA. É recorrente que estes sejam classificados como positivos ou negativos a partir da forma como o turismo se desenvolvem nos locais. Uma postura dialógica contemporiza esta polarização entre positivo e negativo, unindo noções até então antagônicas. Morin, (2000) citando Pascal para exemplificar o princípio dialógico diz que “o contrário de uma verdade não é o erro, mas uma verdade ao contrário”. A simples identificação e classificação entre o que é impacto positivo ou negativo em turismo não considera que muitos destes impactos não são oriundos especificamente da atividade turística e sim do próprio ir e vir da humanidade. Há que se ponderar também que o positivo e negativo depende das lentes de quem vê, da temporalidade e de propósitos que se pretende alcançar com esta categorização. Um impacto ambiental em princípio considerado negativo, pode refletir em uma melhora significativa de condições de vida de uma comunidade, assim como um impacto positivo pode trazer consequências indesejáveis no futuro. Então não se trata apenas de maximizar efeitos positivos e minimizar os negativos, mas sim de fazer o ir e vir, conhecer os limites de cada efeito para saber a hora e como transgredi-lo.

O princípio recursivo é um círculo gerador no qual os produtos e os efeitos são eles próprios produtores e causadores daquilo que os produz. A recursividade vai além do princípio da retroação (*feedback*), rompendo com o princípio da causalidade linear: a causa age sobre o efeito e o efeito sobre a causa.

Aprendemos, no velho paradigma, de que a causa “a” gera o efeito “b”, o determinante “a” gera o determinante “b”. Alguma coisa que é definida como recursiva, significa dizer que a causa produz o efeito, que produz a causa. Somos recursivamente causa e efeito. (Morin, 2007, p. 98).

A utilização do princípio recursivo no Sistur está explícita no entendimento deste pelo próprio autor: “Uma única variável pode, ao mesmo tempo, ser causa e efeito. A realidade não permanecerá imóvel.” (Beni, 2001, p. 57).

A recursividade se faz evidente na natureza do produto turístico, sob a ótica sistêmica, a partir das características particulares descritas por Beni. O produto turístico é produzido e consumido ao mesmo tempo, ou seja, produção e consumo são simultâneos, fazendo a causa produzir o efeito e o efeito produzir a causa. Conseqüentemente, o produto turístico é perecível, deve ser consumido imediatamente, porém é estático, não pode ser transportado, assim é o consumidor que se desloca até ele, sendo novamente recursivo, causa e efeito.

O princípio recursivo também pode embasar as discussões acerca da própria natureza do turismo. Salvo espaços turísticos totalmente artificiais, a natureza do turismo é espontânea, sendo a atratividade causa e efeito da atividade, que posteriormente se refletirá nas (inter) relações de oferta e demanda.

O princípio hologramático coloca em evidência o paradoxo dos sistemas complexos em que não somente a parte está no todo, mas em que o todo está inscrito na parte. Este se alinha ao princípio sistêmico, que em oposição a ideia reducionista, diz que “o todo é mais que a soma das partes”. A organização de um todo produz qualidades ou propriedades novas em relação às partes consideradas isoladamente. O todo é igualmente menos do que a soma das partes, cujas qualidades são inibidas pela organização do conjunto. Assim, não se consegue dissociar a parte do todo, ou seja, a parte está no todo, da mesma forma que o todo está na parte.

Cada célula é uma parte de um todo – o organismo global, mas o todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual. Da mesma maneira, o indivíduo é uma parte da sociedade, mas a sociedade está presente em cada indivíduo enquanto todo através da sua linguagem, sua cultura, suas normas. (Morin, 2000, p. 216).

No Sistur, para se compreender o todo, é necessário conhecer as partes, assim, mesmo que artificial, é necessário a subdivisão em subsistemas. As interrelações entre componentes, conjuntos (partes) resultam em uma sinergia fazendo com que o todo seja mais do que a pura soma das partes (Beni, 2001). Na teoria da complexidade, a parte contém o todo, e assim, em se conhecendo a parte, se conhece o todo.

Se as partes contem o todo e o todo contem as partes, ao subdividir o Sistur, pode se afirmar que cada uma destas partes também são um sistema complexo, aberto, autônomo, porém interdependente e esta interdependência repercute os princípios dialógicos e recursivos para todo o sistema.

Em busca das considerações finais

Em 2014, Mario Beni apresentou alguns resultados da sua atualização do Sistur, baseada na Teoria da Complexidade. No material, utilizado e disponibilizado pelo autor em suas palestras fica evidente o esforço de transpor os limites do sistemismo e articular novas formas de se pensar o turismo via pensamento complexo.

Evoluir da abordagem sistêmica para a abordagem complexa incentivará novas formas de ver o turismo, outras ênfases, outras perspectivas de compreensão. Pode se citar como exemplo a relação Sistur e meio ambiente, onde este não faz parte do sistema, mas exerce influência sobre ele. Partindo de uma abordagem sistêmica, é impossível delimitar o que é, onde começa e o que abrange este meio ambiente que mesmo estando fora influencia o sistema. Sob o viés da complexidade, estas e outras questões perdem a importância central, já que este meio ambiente passa a fazer parte desse sistema e as trocas e interrelações passam a ser compreendidas pelos princípios dialógico, recursivo e hologramático.

Pensar o Sistur a partir dos princípios da complexidade amplia os horizontes de compreensão do turismo, porém a noção de sistema é essencial para a aproximação de um pensamento complexo.

Historicamente, o conhecimento vem sendo construído sob a égide da disjunção, separar para conhecer, excluir para validar. A complexidade não se dispõe ao contrário, mas sim abarca todas estas e outras formas de pensamento. Assim, pensar de forma complexa é um exaustivo e constante exercício de abstração e interpretação. Sendo assim, há que se tratar o tema com rigor científico, pois a complexidade não é um novo método, não se constitui em um passo a passo para ensinar uma nova forma de pensamento. A complexidade diz sim respeito a uma maneira, a uma forma de se observar o mundo.

Referências

- Abbagnano, N. (Ed.). (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins.
- Alvarez, M. B. (1990). *Organização, sistemas e métodos*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Barretto, M., & Santos, R. J. (2005). Fazer científico em turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações. *Turismo Visão E Ação*, 7(2), 357-364.
- Beni, M. C. (2007). *Análise estrutural do turismo* (12a ed.). São Paulo: Senac.
- Beni, M. C. (2001). *Análise estrutural do turismo* (4a ed.). São Paulo: Senac.
- Beni, M. C. (1998). *Análise estrutural do turismo* Senac.
- Coelho, E. P. (1968). *Estruturalismo: Antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugalia.
- Foucault, M. (2007). *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gomes, W. B. (2010). Relações metodológicas entre fenomenologia, historiografia e psicologia humanista. *Revista Da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 3-11.
- Hall, C. M. (2001). Planejamento turístico: Políticas, processos e relacionamentos. *São Paulo: Contexto*, , 183-213.
- Lévi-Strauss, C. (1980). *A noção de estrutura em etnologia, raça e história, totemismo hoje*. São Paulo: Abril Cultural.
- Malinowski, B. (1970). *A teoria funcional*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mill, R. C., & Morrison, A. M. (2002). *The tourism system* Kendall Hunt.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina Porto Alegre.

Morin, E. (2000). O pensamento complexo, um pensamento que pensa. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Petrópolis.

Netto, A. P., & Nechar, M. C. (2014). Epistemologia do turismo: Escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo*, 8(1), 120-144.

Oliveira, D. (2002). *Sistemas, organização e métodos: Uma abordagem gerencial*. São Paulo: Atlas.

Paim, E., & Paim, R. (2004). *Sistemismo ecológico cibernético e informacional: Um paradigma holístico*. Varginha: Sul Mineira.

Panosso, N. A. (2005). Fenomenologia do turismo: Uma proposta de construção epistemológica. (Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo).

Piaget, J. (1981). *O estruturalismo*. Lisboa: Moraes Editores.

Radcliffe-Brown, A. (1973). *Sobre o conceito de função em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes.

Uhlmann, G. W. (2002). Teoria geral dos sistemas: Do atomismo ao sistemismo, uma abordagem sintética das principais vertentes contemporâneas desta proto-teoria. *Centro Interdisciplinar De Semiótica Da Cultura E Da Mídia*. São Paulo: USP.

Von Bertalanffy, L. (1975). *Teoria geral dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes.